

Entre o consumo dos cidadãos espaciais e dos sub-cidadãos: Reflexões sobre a pirâmide da cidadania midiática

Between the consumption of space citizens and sub-citizens: Reflections on the pyramid of media citizenship

Simone Antoniaci Tuzzo¹

José Antonio Ferreira Cirino²

Resumo: *Este artigo apresenta um estudo sobre consumo, cidadania e comunicação, destacando o papel da mídia na construção identitária de cidadanias diferentes, baseadas no consumo de bens materiais e imateriais, na forma de existência compartilhada nas mídias sociais e na excentricidade de um dos itens constitutivos da cidadania, o lazer. Com pesquisas sobre o turismo espacial, em contraste com o agravamento da fome na Terra, este estudo reafirma a existência da pirâmide da cidadania midiática, criada por Cirino e Tuzzo (2016) e que representa os diferentes níveis de cidadania. As bases teóricas se firmam nas reflexões sobre sociedade e cidadania, com análise crítica de discurso midiático sobre as expedições interplanetárias de bilionários e o contraste com os miseráveis, demonstrando uma sociedade incivil (SODRÉ, 2021a), excluída dos direitos habituais.*

Palavras-Chave: *Consumo; Pirâmide da Cidadania; Mídia; Desigualdade Social; Comunicação.*

Abstract: *This article presents a study on consumption, citizenship and communication, highlighting the role of the media in the identity construction of*

1 Universidade da Maia (Umaia). Castelo da Maia, Porto, Portugal.
<https://orcid.org/0000-0001-9401-6510> E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

2 Universitat de Barcelona (UB). Barcelona, Catalunya, Espanha.
<https://orcid.org/0000-0002-0587-6533> E-mail: cirino.jaf@gmail.com

different citizenships, based on the consumption of material and immaterial goods, on the form of existence shared in social media and on the eccentricity of one of the constitutive items of the citizenship, leisure. With research on space tourism, in contrast to the worsening of hunger on Earth, this study reaffirms the existence of the pyramid of media citizenship, created by Cirino and Tuzzo (2016) and which represents the different levels of citizenship. The theoretical bases are based on reflections on society and citizenship, with a critical analysis of media discourse on the interplanetary expeditions of billionaires and the contrast with the miserable, demonstrating an uncivil society (SODRÉ, 2021a), excluded from the usual rights.

Key words: Consumption; Citizenship Pyramid; Media; Social Inequality; Communication.

Introdução

O ano de 2021 ficará na história por alguns fatos marcantes, como a evolução da pandemia da Covid-19, iniciada em 2019 e que até 2022 ainda não estava sob controle, demonstrando uma necessidade de atuação do Estado no desenvolvimento de políticas de saúde; o agravamento da fome em dezenas de países do mundo, reafirmando a condição de invisibilidade de pessoas por sua condição sub-humana; e, por outro lado, a nova corrida espacial, feita por bilionários que usufruem da possibilidade de realização de um turismo espacial como o novo consumo de lazer.

Os acontecimentos destacaram a existência de níveis diferentes de cidadania, em que alguns lutam pela sobrevivência em busca do básico compreendido no eixo da saúde e da alimentação, enquanto outros possuem tudo o que é possível na Terra e também usufruem da possibilidade de viajar ao espaço, um possível novo hobby dos bilionários ávidos por postar em suas redes sociais as fotos de suas excêntricas viagens.

Além disso, as pessoas mais ricas do mundo também exploram o uso do capital que já possuem para gerar mais capital, descrito por Sodré (2021a) como sendo um capitalismo de títulos, sem compromisso com o território em que se movimenta, que é abstrato e tem compromisso com a sua própria lógica, podendo ser o investimento na bolsa de valores, nos títulos do Tesouro, em papéis de grandes lucros e que geram desigualdade social. Mais recentemente investem também em criptomoedas ou cibermoedas, e em vendas de ingressos para viagens ao espaço.

A relação entre ricos e pobres sempre existiu, mas a sociedade dividida entre os que muito possuem e os que nada têm se agrava com as ofertas da modernidade e os bens materiais que o dinheiro pode comprar, ampliando o abismo entre os cidadãos, categorizando-os em hierarquias absolutamente diferenciadas, estabelecendo os locais de pertencimento no mundo e, agora, além dele.

Segundo Drake (2021), alguns especialistas da indústria espacial dizem que as barreiras de acesso para os voos espaciais está difícil de ser atravessada, como sempre foi, mas os porteiros estão mudando, bem como os critérios de escolha sobre quem voa, pois à medida que o espaço

se torna um local comercializado, as riquezas pessoais (de somente uma parcela ínfima da sociedade), desempenham o papel de decidir quem pode sair da Terra, e de que forma, pois são os milionários e bilionários do mundo que podem pagar por valores estratosféricos para voar ou presentear pessoas com essas passagens.

Elon Musk, quando do lançamento da *Inspiration 4* afirmou que o voo estaria abrindo o caminho das estrelas para a humanidade. Mas de qual humanidade ele estava falando?

Sobre isso podemos fazer uma analogia sobre a expressão usada habitualmente que é todo mundo, e que corriqueiramente ouvimos pessoas dizendo que todo mundo tem acesso à internet, todo mundo está conectado, por exemplo. Sabendo que isso não é real e que boa parte da população mundial não pode ter acesso à internet porque não possui acesso ao equipamento ou à conexão, enfim, o todo mundo não diz respeito exatamente a todas as pessoas, mas sim as pessoas que têm acesso, colocando como excluídos aqueles que não fazem mais parte de uma estatística da exclusão, não só digital, como também social e humana. São humanos excluídos de tudo e da própria possibilidade de ver as estrelas de perto.

Para construção do marco teórico, partimos de uma reinterpretação, por meio de uma leitura crítica da mídia para analisar o contexto no qual esses acontecimentos estão permeados. “A proposta de reinterpretação consiste na revisão teórica e metodológica do histórico processo de Leitura Crítica da Comunicação, desde sua implementação nos anos 1970” (TUZZO, 2014, p. 160).

Segundo Paiva e Gabbay (2009, p. 10) “no Brasil, e mesmo na América Latina, a referência básica sobre a proposta da Leitura Crítica da Comunicação tem sempre se referenciado na atuação da União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC)”. Como forma de instrumentalizar a leitura crítica da mídia, optamos por uma análise crítica de discurso, pautada em Fairclough (2001), que defende que há uma tridimensionalidade nessa textualidade, composta pelo texto; práticas discursivas e práticas sociais.

Nesse sentido, ao verificarmos os produtos midiáticos não estamos analisando exclusivamente a estrutura textual, e sim práticas de produção, distribuição e consumo dos conteúdos, bem como realidades sociais envoltas e interconectadas nos sistemas simbólicos de cada notícia e os acontecimentos ali narrados. Seu uso, nessa pesquisa, foi aplicado de forma a trazer o corpus analisado, correlacionado aos aspectos teóricos e conceituais aqui propostos, com enfoque principal na pirâmide da cidadania midiática.

Este trabalho também se firma em bases teóricas reflexivas sobre sociedade e cidadania, respaldadas em autores como Marshall (1967); Souza (2012); Tuzzo (2014); Figueiredo e Tuzzo (2011) e Sodré (2021), para a análise crítica de discurso de matérias divulgadas na mídia nos anos de 2019 a 2022 com recorte para o turismo espacial e a fome na Terra. O foco foi empreender uma investigação descritiva, com amostra qualitativa por conveniência, com busca por palavras-chave referentes aos temas mencionados anteriormente, relacionando os recortes noticiosos para a apresentação dos cenários narrados no ensaio da pirâmide da cidadania midiática, estruturada por Cirino e Tuzzo (2016).

Não olhe para cima: a subcidadania midiática do direito à vida

A exemplo do filme de ficção científica “*Don’t look up*” (2021, Netflix), que destaca o papel esquivo e voltado a atender os grandes investidores dos veículos jornalísticos ao optar por não noticiar com a seriedade necessária a queda de um cometa no planeta Terra, colocando em risco toda humanidade; podemos fazer um paralelo ao visualizarmos notícias que tratam claramente, todos os dias, da subcidadania no mundo e entender as razões, motivos e explicações para sustentar esse cenário. Desta forma, se optarmos por olhar para cima veremos que alguns estão passeando na Lua, mas se olharmos para baixo, ou para os lados, veremos que muitos já não conseguem sobreviver na Terra.

Se a cidadania pode ser considerada “[...] um status concedido aqueles que são membros integrais de uma comunidade [...]” (MARSHALL, 1967, p.76), podemos visualizar que há certa subjetividade nesse processo de ser cidadão, que vai além da obtenção de documentos de registro de nacionalidade ou mesmo do pagamento de taxas e impostos em determinada localização geográfica.

É por essa natureza intangível, fluida e, por vezes, nebulosa, dos critérios para ser um cidadão, que temos desigualdades e discriminações que impactam, sobremaneira, a vida de grande parte da população que se vê afastada de direitos básicos para a sobrevivência devido a não se encaixar em um perfil pré-concebido de cidadania.

Sendo a cidadania um status, um patamar a ser galgado, fatalmente nem todos têm essa possibilidade, estando à mercê das benesses sociais, inclusive as provenientes dos recursos do Estado. Os mecanismos dessa distinção de corpos e seres estão intrinsecamente ligados ao sistema meritocrático de vivência em sociedade, que se baseia diretamente no esforço versus o resultado de cada indivíduo.

A grande questão dessa estrutura voltada a premiar os esforços e conquistas é justamente o fato de que não estão todos na mesma linha de partida. Essa é uma corrida em que cada um está em marcas diferentes, distantes uns dos outros, com equipamentos e condições também diversas, o que nos leva a crer que é um sistema que carece de revisões sobre o papel do Estado e das necessárias reparações históricas.

Segundo Guarinello (2008, p. 35), isso pode ser verificado desde a antiguidade na Grécia, sobre a formação das cidades-estado, “não podemos entender a formação dessas comunidades apenas como um processo de inclusão, já que o fechamento da cidade-estado implicava, necessariamente, a definição do outro e sua exclusão”. Dessa forma, toda e qualquer categorização ou estruturação de limites para a inclusão de pessoas a determinado status, segrega e conduz diversos outros corpos à obscuridade.

Quando estabelecemos certos espaços para pessoas com requisitos classificados, ignoramos todas as outras que estão fora desse padrão

definido. Assim, o status de ser cidadão configura em torno de si outros seres que não o alcançam.

Anteriormente propusemos (CIRINO e TUZZO, 2016) uma graduação hierárquica da cidadania midiática na sociedade contemporânea, visando organizar as formas amalgamadas de menção dos veículos de imprensa mais comuns, ao visualizarmos as formas como os discursos são concebidos, com interferências na formação da opinião pública e na construção da representação social da cidadania (TUZZO e BRAGA, 2009), e que configuram lugares marcadamente distintos para os seres humanos; bem como foram consideradas as reflexões teóricas de autores como Marshall (1967); Souza (2012); Tuzzo (2014); Figueiredo e Tuzzo (2011) e Sodré (2021); para a constru o de cada uma das camadas da pirâmide da cidadania midiática:

Figura 1 - Pirâmide da Cidadania Midiática



Fonte: Cirino; Tuzzo (2016, p. 60)

A pirâmide apresenta algumas categorias de cidadania: o cidadão seria aquele ser humano com uma vida equilibrada e que tem acesso aos direitos básicos da cidadania, como saúde, educa o, segurança, lazer,

emprego, transporte, liberdade de ir e vir, dentre outras comumente promulgadas na constituição do Brasil. Aqui não é um acesso garantido pelo Estado, mas aquele em que o sujeito pode pagar por ele, sendo, segundo Tuzzo (2014), uma cidadania comprada. Apesar de “privilegiado”, considerando outras camadas, ainda se encontra em uma zona que poderia ser entendida como a maioria em quantidade, mas minoria em poder. A grande mídia, popular e massiva, é construída e trabalhada diariamente para tratar, principalmente, com esses indivíduos (BRITO JUNIOR, 2015).

Abaixo do cidadão, temos o que Souza (2012) classifica como a subcidadania e que aqui compreendemos como o ser humano que está aquém dos direitos de cidadania. Mesmo coabitando espaços e cidades com os demais, é relegado à invisibilidade de não ter acesso. Existem linhas que separam essas pessoas de poderem adentrar a determinados ambientes, consumir certos produtos e em muitos casos, até mesmo ao não consumo de água potável, medicamentos, vacinas e outros itens essenciais à sobrevivência, resultando em uma baixa qualidade e expectativa de vida. Esses são noticiados pela mídia em situações de tragédia, ausência, falta, escassez. Tudo falta, nada tem (TUZZO, 2014).

Em camadas mais altas da pirâmide, propomos a definição de um cidadão ou subcidadão que, temporariamente, é alçado a um status diferente, em que tem acessos prioritários e diferenciados devido a alguma conquista ou realização. Quando alguém se torna um herói por salvar a vida de alguém, quando uma pessoa devolve o dinheiro encontrado a um outro, quando alguém salva diversos animais em uma catástrofe. São vários exemplos de pessoas que saem de seu momento cidadão ou subcidadão para tornar-se um célebre-cidadão, um ser humano exaltado por suas características ou por estar sob o holofote midiático, como o caso de pessoas que participam de reality shows ou outros programas de TV, ou, mais recentemente, pessoas expostas nas mídias sociais digitais e que temporariamente veem sua vida melhorar.

Importante destacar que dificilmente ultrapassam esse lugar, visto que a próxima camada da pirâmide é muito exclusiva. Na linha do

célebre-cidadão, o poder começa a ser tocado, mas não é mantido, pois muitas vezes é um poder temporário e somente discursivo ou de aparência, portanto, efêmero (FIGUEIREDO e TUZZO, 2011).

O supracidadão é um tipo de cidadania que não é facilmente conquistada, visto que geralmente está associado a grandes fortunas e também ao poder político. A distinção aqui é graças a direitos que estão acima dos direitos dos demais viventes nas comunidades, sem deveres que sejam diretamente proporcionais. É a camada que controla e gerencia as demais, visto que é de onde escoam as regras, os espaços, as limitações. Por meio do poder, direto ou indireto, estrutura toda a sociedade, seus valores e seus rumos (CIRINO; TUZZO, 2016).

Composta a pirâmide, entendemos que não existe um não-cidadão ou “acidão”, visto que todos, mesmo os que estão sem quaisquer direitos, ainda não nascem fora do contexto social, não há um externo ou totalmente ileso aos poderes dessa cadeia cidadã.

A pirâmide da cidadania midiática é uma possibilidade para traduzir alguns conceitos e unificá-los em um aspecto visual de uma perspectiva sobre a forma como a mídia constrói seus discursos acerca dos cidadãos e os seus diferentes tipos de acesso e permissões aos direitos sociais e também sobre a vigilância quanto aos seus deveres.

Por isso, faz-se necessária a discussão sobre as estruturas sociais e suas hierarquias, visto que o resultado disso são diversas pessoas à margem da experiência social completa e das possibilidades da vida. Grande parte desse formato é atribuído à ideologia do desempenho, que conforme sinaliza Souza (2012, p. 170) “[...] não apenas estimula e premia a capacidade de desempenho, mas legitima o acesso diferencial permanente a chances de vida e apropriação de bens escassos”.

Compreendemos, então, que o conglomerado midiático tem um papel significativo na reprodução e sustentação do *status quo*, com vistas à perenidade da hierarquização dos indivíduos e de seus acessos. Mas não é o nosso foco culpabilizar os veículos de imprensa, pelo contrário, visto que aqui é o paradigma do remédio/veneno, que em diferentes quantidades pode salvar ou eliminar uma vida. A toxicidade presente no

jornalismo que viabiliza a manutenção desse cenário, não é diferente do que está presente em outros aparelhos ideológicos (ALTHUSSER, 1983), como as instituições de ensino e religião, por exemplo. A questão é que, devido ao poder de difusão e alcance presentes na mídia, poderia ser um instrumento de cura das bases sociais para as mudanças também nesses outros lugares de convivência (SOARES, 2013).

Turismo Espacial

O ano de 2021 ficou marcado pelo turismo espacial dos milionários. Para além de ser uma diversão excêntrica, da qual poucos cidadãos que possuem contas bancárias muito acima da média mundial podem usufruir, a atividade que dura pouco tempo e custa muito dinheiro, é capaz de render fama e mais fortuna, tendo em vista que afora querer dar um passeio pelo espaço, a busca dos empresários interessados nesse novo negócio é para incrementar novos negócios, que poderão lhes render ainda mais lucro, reafirmando as suas condições de ocupação do topo de uma pirâmide da cidadania em que apenas os supracidadãos conseguem orbitar.

Lançar negócios de turismo espacial requer visão e dinheiro e em 2021 alguns dos maiores empresários da Terra decidiram olhar para cima. Assim, Jeff Bezos, proprietário da Amazon e Elon Musk, CEO da Tesla e fundador da SpaceX (Space Exploration Technologies Corp.), dois dos homens mais ricos do mundo³; além de Richard Branson, da Virgin Atlantic, deram os primeiros passos para o novo hobby milionário.

Richard Branson, multimilionário britânico, foi o primeiro empresário a ir para o espaço no dia 11 de Julho de 2021, em uma viagem inaugural da Virgin Galactic.

Jeff Bezos, magnata norte americano, fundador da companhia Blue Origin, foi logo em seguida, dia 20 de julho, em uma cápsula acoplada no topo do foguete New Shepard, juntamente com mais três pessoas a bordo, em uma viagem totalmente automatizada e sem fins científicos,

3 Estes são os 10 homens mais ricos do planeta. Forbes Internacional e Paulo Marmé, 07 abr. 2022. Disponível em: <https://www.forbespt.com/estes-sao-os-10-homens-mais-ricos-do-planeta/>.

podendo ver a Terra de uma janela e viver a microgravidade durante três ou quatro minutos, dando início a uma nova era de viagens espaciais privadas que marca mais um episódio do negócio do turismo espacial.

Jeff Bezos viajou com seu irmão Mark Bezos para um feito histórico, levando com eles a pessoa mais jovem e a pessoa mais velha a irem para o espaço, quais sejam, o jovem holandês Oliver Daemen de 18 anos e a ex-piloto norte-americana Wally Funk de 82 anos de idade. (LUSA E REUTERS, 2021). A data do voo foi escolhida para celebrar os 52 anos da chegada dos americanos à lua.

Wally Funk realizou o sonho de ir à lua depois de na década de 1960 ter feito parte de um programa privado com outras 12 mulheres, mas, na época, a NASA somente admitia pilotos com diplomas de engenharia, para as missões espaciais e as mulheres não podiam desempenhar essas funções, impedindo que Wally viajasse para o espaço.

Oliver Daemen é fascinado pelo espaço, pela lua e por foguetes, além disso, é filho de um multimilionário que adquiriu o bilhete pelo valor de quase 24 milhões de euros, leiloado por um candidato que desistiu da viagem.

Em entrevista à Fox Business Network, Bezos afirmou antes da viagem: “Estou animado, mas não estou ansioso. Veremos como me sinto quando estiver amarrado ao meu assento. Estamos prontos e o veículo está pronto. Esta equipa é incrível, sinto-me muito bem e acho que meus companheiros de viagem também”. (LUSA e REUTERS, Jornal Público, 2021).

Elon Musk, diferentemente de Branson e Bezos não estava a bordo do foguete Falcon 9 da SpaceX, em uma cápsula Crew Dragon, chamada de Resilience, lançada do Centro Espacial Kennedy da NASA, no dia 15 de setembro de 2021, que levou a primeira missão tripulada completamente privada da humanidade para órbita, denominada como missão Inspiration4.

Nenhum dos quatro membros da tripulação é astronauta profissional, tampouco possuía experiência em voos espaciais. Com eles a capsula também levou alguns itens que serão vendidos em um leilão beneficente,

como uma versão inédita da música “*Time in disguise*”, do *King of Leons* (DRAKE, 2021).

Abaixo a tripulação Inspiration4, durante um voo de treino em gravidade zero. Da esquerda para a direita, Hayley Arceneaux, assistente médica do Hospital de St. Jude, sobrevivente de um câncer infantil e a primeira pessoa com uma prótese a voar no espaço; Chris Sembroski, veterano da Força Aérea que ocupou um lugar a partir de uma doação feita ao Hospital de St. Jude que o inscreveu em um sorteio (ele não foi sorteado, mas um amigo sorteado doou a ele o bilhete); o milionário Jared Isaacman, comandante da missão Inspiration4, que fretou o veículo da SpaceX por um valor não discriminado; e Sian Proctor vencedora de um concurso na internet, que consistia em fazer um vídeo que descrevesse porque queria ir ao espaço. Quanto mais viral, melhor. Assim, o geocientista que esteve perto de integrar a classe de astronautas de 2009 da NASA, conseguiu ocupar a quarta vaga na nave.

Figura 2 – Tripulação Inspiration4



Foto: John Kraus (DRAKE, 2021).

A tripulação da missão Inspiration4 conseguiu ver a Terra através de uma cúpula de vidro instalada na nave e ajudou a angariar 200 milhões de dólares para o Hospital Pediátrico de St. Jude, em Memphis. Em termos midiáticos, a Netflix exibirá um documentário sobre a missão;

a revista TIME colocou a foto da tripulação na capa de uma edição especial com o título: “A Nova Era Espacial”; o site Axios produziu um podcast com vários episódios que revela os bastidores da missão. Além disso, várias empresas usam a Inspiration4 para promover os seus produtos.

O Voo da Inspiration4 apresenta um novo tipo de ingresso para o espaço. O comandante da missão Jared Isaacman é um homem de 38 anos de idade e fez fortuna com a Shift4 Payments, uma empresa de processamento de pagamentos que gera mais de 200 milhões de dólares em vendas anualmente. Em outubro de 2021 Jared fretou o voo orbital afirmando ter custado menos de 200 milhões de dólares (uma referência ao lucro anual de sua empresa). Afirmou que não voaria com amigos ou parentes, mas sim, com mais três pessoas de escolha aleatória. Os quatro lugares foram por ele batizados de Esperança, Generosidade, Prosperidade e Liderança, sendo este último ocupado por ele, como comandante da nave.

No caso de Elon Musk, importante destacar que seus planos para que muitas pessoas paguem por viagens ao espaço está em construção, como escreveu em sua conta no twitter “o plano está em marcha. Pretendo construir cem naves por ano e enviar milhares de pessoas da Terra para Marte quando as órbitas dos dois planetas se alinharem, reduzindo a distância e minimizando desta forma os custos da viagem. O objetivo é fazer vários voos por dia” (ELON, 2020, online). Além disso, afirmou que “qualquer pessoa pode se candidatar a ser um passageiro na nave espacial, desde que pague a viagem e, caso não tenha dinheiro, pode pedir um empréstimo” (ELON, 2020, online).

Além das viagens e dos altos lucros, Musk passou a investir, divulgar e propagar lucros fáceis e a possibilidade de muitas pessoas se tornarem ricas com investimento em criptomoedas. Segundo Knight (2022), no site Economy watch follow the Money, Musk, dono de um patrimônio líquido de mais de 185 milhões de dólares, está em forte envolvimento com criptomoedas e é comum ver alguns conceitos da Internet como

Elon Musk Bitcoin 2022; Elon Musk Bitcoin Trading; Elon Musk Bitcoin Trader; Elon Musk Bitcoin Cryptocurrency; e muitos outros.

Sodré (2021a, p. 57) explica o fenômeno afirmando que “o discurso da ideologia conservadora e burguesa do capital, foi esvaindo e não há muita necessidade dela [...]. Tem que convencer as classes médias, altas e emergentes de que o capital é a saída e o destino. Nas finanças, isso é o máximo da abstração”.

Ainda em 2021, no dia 8 de dezembro, a nave espacial russa Soyuz MS-20 levou os turistas especiais Yusaku Maezawa e Yozo Hirano, acompanhados pelo cosmonauta Alexander Misurkin, para uma estadia de 12 dias na Estação Espacial Internacional (ISS).

Yusaku Maezawa é um milionário japonês e em março de 2021 já havia reservado um lugar no vôo operado pela SpaceX para uma viagem à lua em 2023. Ao longo de sua estadia na estação Espacial Internacional (ISS) ocupou-se de fazer vídeos para o YouTube e publicações no Twitter, com a ajuda do produtor Yozo Hirano (companheiro de viagem). De acordo com a Redação Away (2021), o milionário japonês pagou 80 milhões de dólares pelas suas “férias” especiais.

De forma detalhada o Yusaku fez publicações nas redes sociais propondo desafios com snacks, além de explicar como é dormir ou ir ao banheiro estando no espaço. A viagem ficou também marcada pela primeira entrega espacial da empresa Uber Eats.

Figura 3 – Entrega da Uber Eats na Estação Espacial Internacional



Fonte: Redação Away.

A notícia foi divulgada pela Redação Away (2021), confirmando que a Uber Eats fez a entrega de uma refeição fora do planeta Terra, na Estação Espacial Internacional, sendo o empresário japonês Yusaky Maezawa o responsável pela entrega dos alimentos no dia 11 de dezembro de 2021, depois uma viagem com início na Terra.

“O nosso objetivo é ajudar as pessoas a irem a qualquer lugar e conseguirem qualquer coisa, por isso temos muito orgulho de servir os astronautas na Estação Espacial Internacional”, disse o CEO da Uber, Dara Khosrowshahi, em comunicado sobre a ação de marketing da Uber Eats (REDAÇÃO, 2021). Parafrazeando o célebre astronauta americano Neil Armstrong, o empresário afirmou ser: “Uma pequena entrega para Yusaku Maezawa, mas uma grande entrega para o Uber Eats!”.

Entre os beijos de deusa e o rabo pra ceia!

A novidade veio dar à praia
 Na qualidade rara de sereia
 Metade, o busto de uma deusa maia
 Metade, um grande rabo de baleia
 A novidade era o máximo
 Do paradoxo estendido na areia
 Alguns a desejar seus beijos de deusa
 Outros a desejar seu rabo pra ceia
 Ó, mundo tão desigual
 Tudo é tão desigual [...]
 Ó, de um lado este carnaval
 Do outro a fome total.
 (Gilberto Gil, 1994)

Apesar de retratar um cenário caótico, a letra da música de Gilberto Gil consegue expressar de forma tão clara o que acontece na sociedade atual, em que alguns possuem tanto dinheiro que já não conseguem

gastar somente na Terra e outros não possuem o básico para sobrevivência. Assim, entre o eixo da cidadania denominado de lazer, com o turismo espacial, existe também os eixos da saúde e da alimentação, que para muitos está pautado na falta de condições para o cuidado pessoal e a fome.

Não queremos, neste artigo discutir a pertinência de qualquer exploração espacial. Aliás essa discussão já foi superada desde que o homem pisou na lua, sendo poeticamente explicada, a partir de uma carta emblemática escrita pela freira que morava na Zâmbia, chamada Mary Jucunda, em 1970, endereçada ao cientista Dr. Stuhlinger. Na carta (ABREU, 2016), a pergunta central era: Por que gastar em exploração espacial com tanta gente passando fome?

A freira expôs os graves problemas da fome e tudo o que ela trazia para a população e o cientista explicou que, apesar de compreender e também ter forte sensibilidade para a situação, a corrida espacial tinha a função de melhorar a forma de vida na Terra, apresentando os ganhos com as pesquisas e a descoberta de novas tecnologias, em que o cientista acredita e demonstra em suas palavras que se os seres humanos quiserem melhorar as condições de vida da Terra, precisam investir em conhecimentos na física, na biologia, na medicina, na química, na fisiologia, a fim de combater problemas como a fome, doenças, contaminação de alimentos, água e poluição do meio ambiente.

Por isso, o Governo Americano administrava o dinheiro público com estratégias de atividades que visavam o desenvolvimento de novas tecnologias e pesquisas, nas quais o programa espacial fazia parte e era uma forma de transformar a humanidade. Assim, a ida à lua era uma forma não de olhar para cima, mas para baixo, usando uma estratégia de transformação da própria humanidade.

A freira agradeceu e disse que, compreendendo, acreditaria firmemente no profundo valor do programa espacial.

Mas agora, em 2022, vemos que entre a tentativa de pesquisas no espaço com o objetivo de desenvolver a vida na Terra e o egocentrismo dos bilionários em passear no espaço não há nada em comum.

Por isso, neste artigo, o foco foi refletir sobre a forma de existências sociais dos que muito tem e daqueles a quem tudo falta.

Mas essas pessoas são invisíveis, fora da mídia, que, em linhas gerais não pauta os problemas da fome, da miséria e das mortes por doenças daqueles que se tornaram ‘gente invisível’, como descrito por Fernando Braga da Costa em sua dissertação de mestrado intitulada ‘invisibilidade pública’. No estudo, o então estudante de Psicologia da USP vestiu-se de varredor de rua para conseguir compreender a invisibilidade desta categoria profissional, desconsiderada pela sociedade como sendo gente, restando apenas uma invisibilidade social (DELPHINO, 2008).

Assim, a invisibilidade social está em países, estados e cidades, em proporções diferentes, de formas diversas, mas há uma relação velada entre os que muito tem e para quem tudo falta; e de que essas pessoas não precisam existir porque não produzem, não dão lucro e por isso não fazem mais parte da sociedade. Olhar para cima é mais uma forma de não ter que olhar para baixo, de ocupar-se com o que está além e não com o que está aquém.

A Covid-19 e a crise climática aumentaram o número de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza e que não conseguem lutar pela sobrevivência sozinhas, dependentes de uma reação humana para salvá-las e lhes devolverem a esperança de uma solução digna. Em agosto de 2021 uma reportagem das Nações Unidas alertou para o fato de que 23 países estariam no foco da fome, atingindo 41 milhões de pessoas. A FAO e o WFP informaram que em 2020, 155 milhões de pessoas passaram a enfrentar insegurança alimentar aguda e que 55 países, de acordo com o Relatório Global sobre Crises Alimentares, estavam em seus piores níveis de fome. O fato representa um aumento de mais de 20 milhões em relação a 2019, com tendências a piorar em 2021 (CRISE, 2021).

O problema da fome é complexo e envolve desde os obstáculos para que os alimentos e as ajudas humanitárias cheguem aos locais necessitados, até falta de água potável, saneamento básico e pestes, como as infestações de gafanhotos do deserto no Chifre da África e enxames de gafanhotos migratórios na África Austral. Para se ter uma ideia, Chifre,

na África precisa de US\$ 138 milhões com urgência para evitar uma crise alimentar (CRISE, 2021).

É sobre os disparates dos acontecimentos e as díspares relações sociais que focamos nesse artigo, ao possibilitar que haja o entendimento que as estruturas da sociedade permanecem sem equilíbrio, pendendo para alguns lados ao ofertar uma experiência de vida completa no que tange às necessidades básicas e muito além delas; e outros lados que não possuem o mínimo, estando sem comida, educação, saúde e segurança, por exemplo.

Conclusão

Sodré (2021a) descreve uma sociedade civil em paralelo com uma sociedade incivil. Para o autor, a sociedade civil é organizada ao redor do sistema produtivo e deixa de lado os setores não diretamente produtivos, que é a plebe, o povo pobre, os subalternos, os excluídos.

A sociedade incivil emerge com a decadência da sociedade civil, na medida em que esta perde os laços fortes com a sociedade política e com a produção, e os partidos e a política – como agregação humana e espaço das lutas de classe – e deixam de ser dominantes. A sociedade incivil é fruto do esvaziamento da representação parlamentar.

Do ponto de vista jurídico, os mecanismos estão formalmente em funcionamento: as eleições ocorrem, governos são eleitos e o espetáculo da democracia continua a ser celebrado, mas o vínculo entre política e sociedade civil fica fragilizado (SODRÉ, 2021a). A partir de um olhar sobre a comunicação e seus processos, Sodré e Paiva especificam a sociedade incivil como:

O ordenamento humano regido globalmente por tecnologias da comunicação, solidárias à transformação no modo de acumulação do capital, à desestabilização das formas clássicas de representação do mundo, mas também ambigualmente atravessadas pela incitação generalizada à reinvenção institucional. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p. 4)

Essa relação inclui a imposição da receita perversa de neoliberalismo que, longe de perceber os desvios do liberalismo, induz a sua radicalização a um modelo que rejeita a política do bem-estar social e abre espaço para “*a violência do capitalismo concorrencial apoiado no livre mercado*” (SODRÉ, 2021b, s/p).

Especificamente no Brasil esse modelo econômico ganhou força com a chegada de Paulo Guedes ao Ministério da Economia, e a visão bolsonarista de que os auxílios monetários destinados à população carente servem “aos pobres que não gostam de trabalhar”. (SAKAMOTO, 2021)

A nova formatação econômica e política das agendas estipuladas pelo neoliberalismo, somada à digitalização da economia, à diminuição do emprego formal e à *uberização* do trabalho, aumenta, como prevê Sodré (2021a, p. 266), a perspectiva para o presente imediato e para as décadas próximas, da substituição da mão de obra viva por robôs, e afetam a percepção sobre as classes históricas.

Este processo desafia a concepção clássica do burguês produtivista e acumulador (SODRÉ, 2021a), mas atinge particularmente os setores mais baixos na pirâmide social, que deixam de ser vistos como classe operária ou mesmo como mão de obra de reserva, e passam a ser considerados como problema social, impedimento para o desenvolvimento e indivíduos cujo único valor está na possibilidade do voto. A contradição entre o capital e o trabalho se secundariza na disputa pelo capital (cada vez mais inacessível) ou mesmo na luta por uma sobrevivência histórica, dando lugar à luta pela sobrevivência individual imediata.

A pirâmide da cidadania midiática pensada por Cirino e Tuzzo (2016, p. 60) é um convite à reflexão sobre a construção da cidadania, da existência de vários tipos de cidadania e o próprio não direito à cidadania. É uma visão sobre como os veículos jornalísticos, a grande mídia e as mídias sociais digitais contribuem para apresentar cenários discrepantes e sustentar o modelo atual das relações desiguais.

Referências

- ABREU, P. Por que gastar em exploração espacial com tanta gente passando fome? *Jusbrasil*, 05 fev. 2016. Disponível em: <https://pauloabreu14.jusbrasil.com.br/artigos/248463332/por-que-gastar-em-exploracao-espacial-com-tanta-gente-passando-fome>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- ALTHUSSER, L.. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- BRITO JUNIOR, B. T. de. A classe média como classe mídia. *Congresso em foco*, 15 fev. 2015. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/reportagem/a-classe-media-como-classe-midia/>. Acesso em: 12 mai. 2022.
- CIRINO, J. A. F.; TUZZO, S. A. Cidadania midiática: a pirâmide da desigualdade, do sub ao supracidadão. In: CIRINO, José Antônio Ferreira; BRAGA, Claudomilson F.(Orgs.). *Mídias e desigualdade*. Goiânia: PPGCOM/Gráfica da UFG, 2016. p. 41-64.
- CRISE climática e COVID-19 empurram 23 países para insegurança alimentar aguda, alertam FAO e WFP. *Nações Unidas*, 03 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/138392-crise-climatica-e-covid-19-empurram-23-paises-para-inseguranca-alimentar-aguda-alertam-fao-e>. Acesso em: 03 jan. 2022.
- DELPHINO, P.. Fingi ser gari e vivi como um ser invisível. *IP Comunica*, 07 dez. 2008. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/noticia/o-homem-torna-se-tudo-ou-nada-conforme-a-educacao-que-recebe-orquidario-cuiaba/>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- DRAKE, N.. SpaceX leva 4 passageiros para órbita – um vislumbre do futuro dos voos espaciais privados. *Natgeo*, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.natgeo.pt/ciencia/2021/09/spacex-leva-4-passageiros-para-orbita-um-vislumbre-do-futuro-dos-voos-espaciais-privados>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- ELON M. diz querer enviar 10 mil pessoas a Marte até 2050. *Jornal Diário de Notícias*. Portugal, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/elon-musk-diz-querer-enviar-10-mil-pessoas-a-marte-ate-2050-11718982.html>. Acesso em: 04 set. 2022.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FIGUEIREDO, L. M. F. de; TUZZO, Simone Antoniaci. *Célebre sociedade*. Goiânia: Kelps, 2011.
- FREITAS, A. C.. Milionário Jeff Bezos foi ao espaço, um pouco mais longe e mais rápido. *Jornal Público*, Portugal, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/07/20/ciencia/noticia/milionario-jeff-bezos-partiu-espaco-longo-rapido-1971077>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- GIL, G.. *A novidade*. Compositores Felipe de Nobrega Ribeiro; Gilberto Passos Gil Moreira; Joao Barone; Hermano Vianna. Álbum Acoustic, 1994.
- GUARINELLO, N. L.. Grécia: Cidades-Estado na Antiguidade Clássica. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (Org.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KNIGHT, P.. *Elon Musk Bitcoin - É legítimo, ou é um esquema?* Site Economy watch follow the Money, 05 jan. 2022. Disponível em: <https://www.economywatch.com/pt/bitcoin-robot/elon-musk-bitcoin>. Acesso em: 13 fev. 2022.

- LUSA E REUTERS. Jeff Bezos sai hoje da Terra num voo de recordes: com ele vão a pessoa mais nova e a mais velha a ir ao espaço. *Jornal Publico*, Portugal. 20 jul. 2021. Disponível em: <https://www.publico.pt/2021/07/20/ciencia/noticia/jeff-bezos-sai-hoje-terra-voos-records-vaos-pessoa-nova-velha-ir-espaco-1971030>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- MARSHALL, T.H. *Cidadania, Classe Social e Status*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1967.
- PAIVA, R.; GABBAY, M.. *Leitura crítica e cidadania: novas perspectivas*. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, São Paulo. Anais... São Paulo: Intercom, 2009.
- REDAÇÃO Away. *Uber Eats fez primeira entrega no espaço... sim, é verdade*. Away, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://away.iol.pt/fantastico/espacial/uber-eats-fez-primeira-entrega-no-espaco-sim-e-verdade/20211216/61ba255c0cf21847f09fad73>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- SAKAMOTO, L.. Bolsonaro atacava Bolsa Família por achar que pobre não gosta de trabalhar. *UOL*, 30 out. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/columnas/leonardo-sakamoto/2021/10/30/bolsonaro-sente-odio-do-bolsa-familia-porque-culpa-os-pobres-pela-pobreza.htm>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- SOARES, I. de O.. Reinventando a educação para reinventar a mídia. *Comunicação & Educação*, n. 18, v. 1, p. 125-130, 2013.
- SODRÉ, M.. *A Sociedade Incivil – Mídia, Iliberalismo e Finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021a.
- SODRÉ, M.. A obscenidade do capitalismo e dos partidos políticos pariu o neoliberalismo e a plataformização da vida. *Instituto Humanitas Unisinos*, 2021b. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/609935-a-obscenidade-do-capitalismo-e-dos-partidos-politicos-pariu-o-neoliberalismo-e-a-plataformizacao-da-vida-entrevista-especial-com-muniz-sodre>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- SODRÉ, M.; PAIVA, R.. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SOUZA, J.. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2012.
- TUZZO, S. A.. O lado sub da cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia. In: PAIVA, Raquel e TUZZO, Simone Antoniaci (Orgs.). *Comunidade, Mídia e Cidade: Possibilidades comunitárias na cidade hoje*. Goiânia: FIC/UFG, 2014.
- TUZZO, S. A.; BRAGA, C. F.. *Representações sociais e opinião pública: Interfaces Conceituais*. Revista Anhanguera, v.10, n.1, jan./dez. p.135-150, 2009.

Sobre os autores

Simone Antoniaci Tuzzo – Professora da Universidade da Maia – Umaia. Doutora e pós-doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Comunicação e graduada em Relações Públicas pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa: CiCO - Comunicação, Consumo e Identidades Socioculturais - CNPq-ESPM; Mídia, Imagem e Cidadania – CNPq-UFG. Coordenadora do Programa de Comunicação do CITEI – Centro de Investigação, Tecnologias e Estudos Intermédia da Universidade da Maia – Umaia – Castelo da Maia – Porto – Portugal. No presente artigo, a autora desenvolveu o desenho da pesquisa, o argumento do artigo, a metodologia da pesquisa, a análise dos dados, a redação do texto, discussão teórico-metodológica, a revisão bibliográfica, a revisão geral das normas da revista e a aprovação final.

José Antonio Ferreira Cirino – Doutor em Comunicação e Sociabilidade (UFMG), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (UFRJ) e em novo estágio pós-doutoral em Informação e Comunicação na Universitat de Barcelona (Espanha); mestre em Comunicação (UFG), especialista em Gestão de Projetos (IPOG), Black Belt em Lean Six Sigma (FM2S), graduado em Publicidade e Propaganda (IESRIVER) e em Gestão de Marketing (UNIP). Editor assistente da Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde – ReciiS/Fiocruz. Membro do Núcleo de Estudos em Comunicação, História e Saúde (NECHS) do PPGCOM/UFRJ e do ICICT/Fiocruz. Membro da Federação Internacional de Hospitais - IHF YEL Alumni. Pesquisador convidado do CITEI - Centro de Investigação em Tecnologias e Estudos Intermédia na linha de Comunicação e Saúde da Universidade de Maia (Portugal). No presente artigo, o autor desenvolveu o desenho da pesquisa, o argumento do artigo, a metodologia da pesquisa, a análise dos dados, a redação do texto, a discussão teórico-metodológica, a revisão bibliográfica e a aprovação final.

Data de submissão: 19/02/2022

Data de aceite: 28/07/2022